

*Para as mulheres fortes,
Para as empreendedoras,
Para as supermulheres,
Tratem dos vossos corações com um cuidado implacável... e descansem.*

NOTA DA AUTORA

Antes de te Deixar Ir é uma história de alegria, cura e recuperação. Consequentemente, é também uma história, pelo menos em parte, sobre perda. Quando conhecemos Yasmen e Josiah, eles estão a sair da fase mais difícil das suas vidas e a embarcar num período de alegria.

Dito isto, há alguma reflexão sobre dificuldades passadas, incluindo um nado-morto, perda de um ente querido (no passado/fora de cena) discussão de luto complicado, depressão e ideação suicida passiva (sem tentativa). Saiba que estes tópicos foram abordados com o maior cuidado e em consulta com aqueles para quem esta foi uma experiência vivida, e também com vários profissionais de saúde mental. Eles tiveram a amabilidade de fazer uma leitura prévia, por isso espero ter alcançado o meu objetivo ao escrever: edificar e não causar danos.

O INÍCIO



JOSIAH

«A meio da viagem da nossa vida, dei por mim num bosque escuro onde o caminho certo estava perdido.»

— Dante Alighieri, *O Inferno*

As pessoas lembram-se do momento exato em que se apaixonam?

Eu lembro-me. Yasmen trouxe-me canja caseira quando eu estava tão doente que até me doía pestanejar. Sabia a água de lavar a loiça do dia anterior. Não sei como se estraga uma canja de galinha, mas a minha miúda conseguiu. Ela observava-me ansiosamente com aqueles olhos grandes e inocentes de pestanas compridas. Nunca me vou esquecer da expressão dela quando cuspi aquela sopa, mas era tão má e eu estava demasiado doente para poder fingir.

Por um segundo, Yasmen pareceu aflita, mas, apesar de me sentir como se alguém me tivesse arrastado sobre brasas e agulhas, ri-me. Depois, ela riu-se e eu perguntei-me se era disto — encontrar alguém com quem nos podemos rir quando tudo nos dói — que eram feitos os *felizes para sempre*. Não os beijos açucarados, os passeios de balão de ar quente e as caminhadas românticas sob a lua cheia. Todo o meu corpo latejava com a praga que me infetou, mas naquele dia Yasmen fez-me feliz. No meio de uma gripe violenta, ela fez-me rir.

E eu sabia.

Passei de muito atraído e mais-do-que-ligeiramente-caidinho para a cena real. Para o amor. Esse momento está gravado na minha memória. E nunca o esquecerei.

E aqui, poucos meses depois, também este.

— Que achas? — Yasmen levanta o olhar de algo em que está a trabalhar na mesa dobrável no meio da área de estar/jantar/cozinha do meu desastroso T1, rematado por uma pobre decoração de estudante.

— Que acho sobre o quê? — pergunto, sentando-me na cadeira esfarrapada à frente dela.

— Grits.

— Querida, por favor, não voltes a fazer papas de milho¹. Ainda estou a recuperar da última vez que tentaste.

Ela olha para mim pouco calorosa, mas com os cantos da boca a lutar contra um sorriso.

— Não estou a falar de papas de milho. Tens estado a ouvir? E se deres o nome Grits ao teu *restaurante*?

Numa atitude sem precedentes, levei uma rapariga para casa no Natal. Ela e a minha tia Byrd deram-se logo bem e, na véspera de Ano Novo, as duas estavam a planear um restaurante que eu poderia abrir usando o meu mestrado em Gestão de Empresas e as receitas de família da tia Byrd.

— Oh, sim. Claro. Grits. — Aproximo a minha cadeira e empurro para trás as tranças que caem em cascata sobre o ombro de Yasmen.

— Parece-me bem.

— Parece-me bem?! — Ela passa as costas da mão na minha testa. — Estás outra vez doente? O Josiah Wade que eu conheço analisa todas as sugestões e tem sempre um *sim, mas* à mão.

Ela não está enganada. O meu pai era um militar severo e exigente que nunca se contentou com nada na sua vida. Planeava cada passo como se fosse uma campanha militar. O controlo, a disciplina e a razão fizeram-no subir na hierarquia. Foi isso que me incutiu, mesmo no pouco tempo que tive com ele antes de falecer, mas tudo isso vai pelo cano abaixo neste momento em que percebo que não só amo Yasmen, como quero amá-la para o resto da minha vida.

— Casa comigo.

As palavras saem suaves e convictas. E *tenho* a certeza. Um atuário que fizesse uma dúzia de avaliações de risco não conseguiria ter tanta

¹ «Grits», em inglês, é uma versão de papas de milho típica do sul do país. (*N. da T.*)

certeza como eu tenho neste momento. Yasmen e eu pertencemos um ao outro.

Ela deixa cair a caneta e fica de boca aberta.

— O quê? — A respiração trémula fá-la estremecer os lábios e os seus olhos arregalam-se.

— Casa comigo.

Improvavelmente — porque isto, *tudo isto* é tão fora da minha maneira de ser como uma cabra a dançar sapateado —, ajoelho-me à frente dela, com o coração a saltar no meu peito. Postura de pedido de casamento de filme romântico. Levanto a mão para alcançar o rosto dela, com os ossos do seu maxilar e as suas curvas delicadas a encaixarem perfeitamente nas minhas palmas.

— Amo-te, Yasmen.

Ela acena com a cabeça, com uma expressão atordoada.

— Eu sei. Também te amo, mas pensei que podíamos esperar até acabares o curso.

— Estou quase a acabar. Falta um semestre. O teu contrato de arrendamento termina no próximo mês. É a altura ideal para vires viver comigo. — Movo o braço, apontando em redor para o apartamento escassamente mobilado e em mau estado. — Não queres juntar-te a mim neste lar de luxo?

Ela ri-se, com um sorriso largo a surgir no seu belo rosto. Quando a vi pela primeira vez, os meus amigos riram-se porque eu parei a meio de uma treta qualquer que estava a dizer e fiquei a olhar. Eu não sou assim. Por mais bonita que seja, nunca nenhuma rapariga me tocou à primeira vista como Yasmen fez. Quero ver a sua pele lisa e castanha, aqueles lábios doces e carnudos, o leque espesso de pestanas, nos meus filhos.

— És louco — sussurra ela.

— Tenho a certeza quanto a ti. — Traço o arco escuro e sedoso da sua sobrancelha. — Tens a certeza quanto a mim?

E eu vejo. Vejo a calma, a certeza, o *amor* sufocar as suas dúvidas, abafar as hesitações. Ela abandona a cadeira frágil, ajoelha-se para me encarar e espalha beijos fugazes pelo meu rosto. Passam pelos meus lábios e olhos como borboletas que flutuam fora do meu alcance antes

que eu as possa agarrar. Quero capturar o seu rosto novamente, fazê-la ficar quieta para que a possa beijar de volta, mas as minhas mãos estão penduradas ao meu lado, entorpecidas pela magnitude do que está a acontecer. Por fim, ela pega nas minhas mãos e olha diretamente para mim. As lágrimas acumulam-se nos seus olhos e escorregam-lhe pelas faces.

— Sim, Josiah Wade. — Ela respira fundo. — Eu caso contigo.

O meu corpo volta à vida e puxo-a para mim pela curva das suas ancas, pressiono as palmas das mãos na suavidade quente das suas costas. Ela é calor e tentação. Na ausência de um anel, selo a nossa promessa com um emaranhado escorregadio de línguas e lágrimas.

O beijo é quente, doce e voraz. Isto, *isto* deve ser o sabor do *para sempre*. Tenho a certeza disso.

CAPÍTULO UM



YASMEN

Raramente se veem coisas boas no espelho retrovisor.

Uma lição que eu já devia ter aprendido, mas, de qualquer forma, olho de relance para o banco de trás, vendo a minha filha a infringir as regras. No lugar do passageiro ao meu lado, o irmão dela porta-se igualmente mal.

— Pessoal, sabem que não é tempo de ecrã. — Divido a minha atenção entre a autoestrada e os dois. — Guardem os telemóveis, por favor.

— Mãe, a sério? — O suspiro da minha filha Deja pesa com a exasperação de uma rapariga de treze anos. — Acabei de terminar a escola e as aulas de dança. Deixa-me em paz.

— Desculpa, mãe — diz Kassim, baixando o telemóvel para o colo. Deja solta mais um suspiro, como se não tivesse a certeza de quem a irrita mais, se eu por fazer as regras ou o irmão por as seguir.

— Graxista — murmura ela, com o olhar ainda fixo no ecrã.

— Deja — digo. — Esse telemóvel é meu se não o guardares.

Os olhos dela, escuros e pontilhados de dourado, chocam com os meus no espelho antes de ela pôr o telemóvel de lado. É como se estivesse a olhar para mim própria. Somos tão parecidas. A pele é lisa e morena como uma noz polida. O cabelo dela, tal como o meu, tem tendência a enrolar-se e a ondular, sempre a contrair-se à mais pequena humidade no ar. O mesmo queixo teimoso a insinuar uma vontade a condizer.

«Ela é igualzinha a ti», dizia a minha mãe quando, em criança, Deja se metia em sarilhos apesar dos meus avisos para ter cuidado. Quando

ela se levantava para fugir de novo com arranhões e nódoas negras recentes. «É bem feito para ti. Agora vais ver o que tive de suportar para te criar.»

Sempre pensei que seria uma bênção, mãe e filha, farinha do mesmo saco proverbial. E durante muito tempo, foi assim... até aos treze anos. Céus, odeio esta idade. Parece que já não consigo fazer nada acertado com ela.

— Então, como foi o teu dia?

Pergunto isto porque quero aproveitar bem todo este tempo que temos no carro. Eles só voltaram à escola há duas semanas e eu devia começar este ano como tenciono continuar.

— O Jamal levou o lagarto dele para a escola — responde Kassim, com os seus olhos divertidos a encontrar os meus num breve olhar de soslaio. — E ele rastejou para fora da mochila dele na aula.

— Oh, meu Deus. — Eu rio. — Ele apanhou-o?

— Sim, mas demorou uns vinte minutos. Ele é rápido. O lagarto, quero dizer. — Kassim torce um botão da camisa branca do seu uniforme escolar. — Algumas miúdas começaram a gritar. A Sra. Halstead ficou em pé na cadeira, como se fosse uma cobra ou algo assim.

— Eu também me teria passado — admito.

— Ele era inofensivo. Não era um monstro-de-gila nem um lagarto-de-contas-mexicano — explica Kassim. — Esses são dois dos tipos venenosos encontrados na América do Norte.

Apanho Deja a olhar para a nuca do irmão como se ele tivesse saído da TARDIS do Doctor Who. Com o fluxo constante de factos e curiosidades, e o fascínio de Kassim por... bem, tudo... é provável que pareça que realmente saiu de lá.

— Nunca há um momento aborrecido com o Jamal — digo com uma risada. — E tu, Deja?

— Hã? — pergunta ela, com uma voz desinteressada, distraída.

Quando volto a olhar para o espelho, só vejo o seu perfil. Ela está a estudar a I-85 através da janela. O trânsito das seis da tarde é basicamente um parque de estacionamento, uma frota de trabalhadores de Atlanta regressando a casa, a avançar e negociar espaços apertados num jogo de Tetris veicular.

— Estava a perguntar como foi o teu dia — tento de novo.

— Correu tudo bem — responde Deja, com os olhos fixos no trânsito para lá da sua janela. — O pai está no restaurante?

Lá se vai a ligação.

— Hã, sim. — Carrego nos travões quando um *Prius* se mete à minha frente. — Vocês podem jantar lá e o vosso pai leva-vos a casa quando acabarem.

— Porquê? — pergunta Kassim.

— Porquê o quê? — Fico à espera que o *Prius* decida o que quer fazer.

— Quero dizer, onde *vais estar*? — pressiona Kassim.

— É o aniversário da Soledad — digo, mudando cuidadosamente de faixa. — Vamos levá-la a jantar fora. Vejam se fazem os trabalhos de casa. Não quero que fiquem para trás.

— Meu Deus, mãe — suspira Deja. — Ainda mal começámos a escola e já nos estás a chatear.

Olho de relance para Kassim, no banco da frente, e para Deja, no banco de trás.

— Day, não fales assim.

Ela murmura qualquer coisa.

— O que é que foi isso? — Olho para ela pelo espelho retrovisor enquanto sigo por uma saída. — Tens alguma coisa para dizer?

— Já disse. — Olhos desafiadores e ressentidos cruzam-se com os meus.

— Eu não *ouvi*.

— E isso é problema meu?

— Sim, é. Se és suficientemente crescida e má para o dizeres, di-lo alto para eu o ouvir.

— Mãe, caramba. — Ela aperta a ponte do nariz. — Porque é que és tão... uh.

Tenho mil respostas para isso, mas todas iriam piorar a tensão entre nós. Se eu tivesse falado com a *minha* mãe desta maneira, ela teria puxado a mão atrás e ter-me-ia dado um estalo na boca. Deus sabe que adoro a minha mãe, mas não quero isso. Respiro calmamente e tento recordar como prometi a mim mesma que faria as coisas de forma diferente com os meus filhos, ficando algures entre a educação gentil... e a minha mãe.

Paro num sinal vermelho, viro-me para olhar por cima do ombro e encontro o olhar duro de Deja. Parece sempre que ela está a fortificar um muro entre nós, empilhando os tijolos antes de eu poder tocar-lhe do outro lado. Tenho saudades da rapariga que adorava as nossas lutas de almofadas, os *marshmallows* na fogueira do quintal e as sessões de manicura de sábado de manhã entre mãe e filha. Faz tudo parte do crescimento ou estamos apenas a afastar-nos? Ou ambas as coisas?

— O teu pai e eu esperamos que dês um melhor exemplo ao teu irmão — digo-lhe.

— Bem, o pai já não está tão presente. — Ela vira a cabeça, desvia os olhos de mim e volta a olhar para a janela. — Não é?

Embora Josiah não viva connosco, está apenas a duas ruas de distância e eles veem-no todos os dias. Ainda assim, o meu coração aperta-se com uma dor de culpa porque, por muito que gostasse de acreditar que é apenas o aproximar da adolescência que corroe as coisas entre mim e Deja, não consigo mentir a mim própria. O problema começou com o divórcio. Aqueles olhos, que nunca estavam longe de brilhar de riso, parecem agora demasiado adultos para o resto do seu rosto, e não apenas por ver passar mais um ano, mas por testemunhar a dissolução do casamento dos pais nos últimos anos.

— Está verde, mãe — alerta Kassim.

Antes que alguém possa buzinar, acelero, passando pela placa azul e branca que anuncia que estamos a entrar em Skyland, um dos bairros mais vibrantes da cidade de Atlanta. Os músculos dos meus ombros relaxam à medida que passamos da tensão da autoestrada para o ritmo mais calmo e com menos tráfego das estradas estreitas de Skyland. O charme e a intimidade de uma comunidade mais pequena combinado com a proximidade da energia explosiva e das opções ilimitadas de uma cidade de classe mundial. Seguimos pela Main Street, ladeada por passeios de pedra, *boutiques* e mesas cobertas de tecido que se espriam dos cafés para os passeios. Saio da rotunda que rodeia a fonte central de Sky Square e continuo a conduzir até ver o nosso restaurante, o Grits.

A baixa de Skyland é uma fusão perfeita de preservação e progresso. Os preservadores da zona protegeram muitas das casas históricas, reaproveitando-as para negócios. O nosso restaurante de fusão, o Grits,

é um exemplo brilhante. A casa vitoriana de dois pisos com o seu alpendre envolvente roubou-me o coração assim que lhe pus os olhos em cima. A casa estava degradada, mas tínhamos um empréstimo bancário, um batalhão de ideias e uma pilha de receitas de família. Josiah tinha um mestrado em Gestão, mas eu tinha a visão de um restaurante requintado, «caseiro», especializado em reinventar os velhos pratos favoritos do Sul. Demorámos algum tempo a chegar ao «requintado». Durante muito tempo, fomos mais do tipo «familiar», com toda a nossa operação espremida num pequeno espaço comercial na zona sul de Atlanta. Muito mudou, perdeu-se e ganhou-se.

Além dos dois humanos neste carro, o Grits é aquilo de que mais me orgulho. Também é o nosso bebé. Mesmo quando as coisas se desmoronaram entre mim e Josiah, ainda tínhamos os nossos três bebés. Deja, Kassim, e este espaço, o Grits. Quando percebemos que essas eram as únicas coisas que nos mantinham juntos, soubemos que seria melhor dissolver o nosso casamento do que persistir naquilo em que nos tornámos.

Bem, eu soube.

Quando chegamos ao Grits, estaciono num lugar reservado bem à frente e desligo o motor. Kassim abre a porta, sai e sobe os degraus da entrada do Grits sem dizer mais nada. Deja também sai e fecha a porta. De braços magros e pernas de girafa, com a sua saia axadrezada de uniforme escolar e os seus Converse cor-de-rosa de cano alto, faz uma pausa para escrever uma mensagem, já novamente colada ao telemóvel, antes de entrar no restaurante.

Nem sequer tenho paciência para lhe lembrar as limitações de tempo de ecrã. Josiah que se preocupe com isso durante as próximas horas. Pego no meu saco para fatos da bagageira, começo a subir os degraus e abro a pesada porta da frente com o nosso logótipo. Assim que passo a soleira, uma sensação de realização surge em mim tão espessa e real como o cheiro a frango frito e legumes salteados que permeia a sala de jantar decorada com bom gosto. Temos casa cheia esta noite, embora ultimamente todas as noites sejam assim. Que diferença faz um ano.

Do outro lado da sala de jantar, vejo Deja e Kassim com um homem que não reconheço. Ele é de meia-idade e estatura média, e está ao

lado de uma mulher pequena, vestida com um casaco de *chef* branco e calças justas. A reputação e os conhecimentos culinários de Vashti Burns ajudaram-nos a sair da quase ruína. A sua pele escura contrasta maravilhosamente com o cabelo natural arruivado que usa curtinho. O cabelo mais curto dá às suas altas maçãs do rosto espaço para se exibirem. Os seus lábios carnudos abrem-se, mostrando dentes brancos e direitos num sorriso para o homem alto ao seu lado.

Josiah.

O meu ex-marido é um *desses* tipos. Um homem que capta a nossa atenção com a largura dos seus ombros e um andar resoluto, pernas longas que devoram cada passo, como se precisasse de chegar a algum lado, mas não quisesse revelar-se apressado. Eu era chefe de sala de um restaurante quando nos conhecemos. Josiah, à espera de uma mesa com um grupo de amigos, seduziu-me os ouvidos antes mesmo de eu o ver, com aquele seu riso rico a desenrolar-se como uma fita de seda preta e a fazer as cabeças virarem-se. *Fez-me virar* a cabeça. Não que ele tenha tido muitos motivos para se rir nos últimos anos. Raios, nenhum de nós teve, mas ele está a rir-se agora, com a nossa nova e bonita *chef*.

Um grupo de mulheres bem-dispostas entra pela porta da frente. Nos seus sapatos de salto alto e vestidos justos, aglomeram-se à volta da chefe de sala. No Grits, as calças de ganga estão tão à vontade quanto o melhor traje de domingo. Ou, no caso delas, o seu melhor traje de festa. Sorrio-lhes quando a chefe de sala confirma a reserva e dirijo-me a Josiah e aos miúdos. Quando estou a poucos metros de distância, Josiah olha para cima e o seu sorriso faz aquela coisa de congelar ao ver-me e depois derreter-se completamente numa linha neutra. Dói um pouco, porque o à-vontade que costumávamos partilhar desapareceu. É uma das coisas que nunca recuperámos da época mais dolorosa das nossas vidas. Essa facilidade veio com o amor, com a paixão, com a parceria. Pelo menos continuamos a ser parceiros, mesmo que seja apenas nos negócios e na educação dos miúdos.

— Olá — murmura Josiah quando me junto ao seu pequeno grupo, com a sua voz baixa, profunda e familiar. — Não reparei que estavas aqui. Pensei que apenas os tinhas deixado cá.

— Hã, não. — Dou uma palmadinha no saco do fato e faço um sorriso educado a Vashti e ao estranho. — Só preciso de mudar de roupa antes de ir.

— Deixem-me apresentar-vos — diz ele. — Yasmen, este é o William Granders, crítico gastronómico do *Atlanta Journal-Constitution*. William, Yasmen Wade, a minha sócia de negócios.

Um crítico gastronómico. É por isso que ele está na Soigné, a nossa melhor mesa.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Granders — digo, estendendo-lhe a mão. Ele retribui o aperto de mão com um sorriso, antes de beber um gole do seu Bordeaux.

— É bom voltar a ver-te, Yasmen — diz Vashti, com uma voz bem modulada e agradável.

— Igualmente.

Embora Vashti esteja aqui há cerca de um ano, não nos conhecemos muito bem. Eu ainda estava numa pausa quando Josiah a contratou, depois de uma série de substituições terem falhado após o falecimento da tia Byrd. Vashti tem formação em culinária e aquele «algo» com que Byrd costumava dizer que os cozinheiros mais dotados nascem. Ela tem sido um salva-vidas, mas há algo que não consigo identificar que nos impediu de nos tornarmos amigas. Os clientes e a equipa adoram-na. Os meus filhos adoram-na. Josiah... pouisa uma mão grande no ombro dela. O toque é inócuo. Platónico, mas algo nele... incomoda.

— Vá, meninos, vamos arranjar uma mesa para poderem comer e começar a fazer os trabalhos de casa — digo, oferecendo um sorriso ao Sr. Granders. — Espero que aprecie a sua refeição.

— Como poderia não o fazer? — Ele lança a Vashti um olhar de admiração. — Têm aqui uma joia rara. Não comia frango e *dumplings* como estes desde... bem, desde sempre.

— Temos muita sorte — concordo com um sorriso.

— Há uma mesa livre lá atrás, perto da cozinha — diz Josiah, deixando cair um beijo rápido no cabelo de Deja. — Vou ver-vos daqui a pouco. Decidam o que querem.

— Costeletas — diz Kassim, lambendo os lábios.

— Miúdo, vais transformar-te numa costeleta. — Vashti ri-se. — Escolhes sempre isso. Quando é que vais provar o meu bife de frango frito?

— Da próxima vez? — Kassim encolhe os ombros, com um sorriso envergonhado. Se Deja é uma minieu, Kassim é um mini-Josiah.

— Meninos, vamos embora para que o Sr. Granders possa terminar a sua refeição — digo, olhando para o crítico. — Foi um prazer conhecê-lo.

Quando chegamos à mesa que Josiah reservou, pego em dois menus que estão na mesa e entrego-os aos miúdos.

— Vejam o que querem comer — digo. — O pai virá cá para receber os vossos pedidos.

— Estou a morrer de fome. — Kassim abre o menu, com os olhos arregalados e a examinar todas as opções.

— Comer. Casa. Trabalhos de casa — relembro-lhes, olhando de um para o outro. — Por essa ordem. Percebido?

— Percebido — responde Deja, com a cara escondida pelo menu aberto.

— Está bem. — Ponho o saco do fato ao ombro. — Tenho de me mudar.

Passo por entre as mesas e sorrio para alguns clientes habituais, mas não paro. O telemóvel vibra na minha mala e sei que é a minha amiga Hendrix a perguntar-me onde estou. Pego no telemóvel para lhe dizer que não demoro, mas os meus passos vacilam a meio do caminho e fico paralisada no corredor vazio. Para qualquer outra pessoa, é apenas uma extensão de soalho de madeira, com as tábuas largas escuras e polidas, mas o meu olho mental sobrepõe uma mancha antiga que se espalha por baixo dos meus Nikes. E apesar de o chão já ter sido limpo há muito, ainda vejo a minha mágoa incrustada na madeira. Durante meses, não conseguia passar por este sítio sem que a minha respiração acelerasse e a minha cabeça rodasse. A minha dor estava gravada nestas paredes. Os meus fantasmas e mágoas reuniam-se à volta destas mesas. Um nó de ansiedade cresce na minha barriga e o pânico aperta-me com tanta força que mal consigo respirar, mas faço o que a minha terapeuta me ensinou.

Inspiração profunda, expiração lenta.

Inspiração profunda, expiração lenta.

No início, só consigo sorver pequenos goles de ar e a minha cabeça roda, mas cada respiração aprofunda-se, alonga-se, transmite uma calma vivificante às minhas extremidades que formigam. Repetir este ciclo algumas vezes abranda o meu batimento cardíaco e solta a faixa que me prende a garganta. Já exorcizei muitos dos meus demónios. Não todos, mas o suficiente para, pelo menos, entrar no Grits sem sair a correr. Estou pronta para recuperar o espaço que a perda e a má sorte me tentaram tirar.

Quando abro os olhos, é apenas um chão, polido até brilhar. Houve um tempo em que eu teria caído naquele penhasco, sem fôlego e em pânico, e deixado os meus demónios perseguirem-me deste lugar que tanto amo. Um pequeno sorriso esboça-se no canto da minha boca e dou um passo e depois outro.

Então é isto que se sente quando se está a melhorar.

Dirigindo-me para o escritório, passo pelo clamor da cozinha. O tilintar dos tachos, os aromas tentadores, as gargalhadas estridentes e as vozes elevadas emanam do espaço que sempre foi o domínio de Byrd. Aceno rapidamente à equipa enquanto me dirijo para o escritório.

«Privado» está discretamente gravado na placa dourada da porta do escritório. Entro, fechando a porta atrás de mim. Josiah é um homem de ordem e disciplina, e o escritório reflete isso mesmo. Quando partilhávamos este espaço, nunca foi tão ordenado. O meu lado do nosso quarto parecia sempre um desastre natural, enquanto o lado dele parecia... bem, *assim*. Apesar de estar a voltar ao ritmo das coisas aqui no restaurante, não tenho usado o escritório. E isso nota-se.

A secretária está limpa, com exceção de alguns papéis arrumados em pilhas, com as margens alinhadas. Nem um grão de pó se atreve a residir em qualquer uma das superfícies reluzentes. Josiah estaria a arrançar cabelos se visse o nosso quarto neste momento. Não sou daquelas pessoas que fazem a cama todas as manhãs. Quer dizer, ninguém está no meu quarto o dia todo e eu volto para lá à noite. Gosto da minha cama à minha espera toda amarrotada como estava quando eu rastejei para fora dela. Já Josiah prefere lençóis apertados como uma lata de sardinhas, cantos afiados como um canivete suíço. Ele é uma daquelas

peessoas que realmente sabem como dobrar um lençol ajustável num quadrado minúsculo.

Esquisitinho.

Entro na casa de banho privativa, fecho a porta e baixo a tampa da sanita.

Sento-me.

A vida chega-nos depressa. Responsabilidades, filhos, oportunidades — tudo se precipita sobre nós com a força de um projétil. Com todas as coisas a voar na minha direção, aprendi a parar e a verificar se há amolgadelas e nódoas negras. Já tentei disfarçar as minhas feridas antes, com resultados desastrosos. Agora, paro sempre um minuto para me certificar de que estou realmente bem. Por vezes, tenho de me sentar numa sanita, acumulando respirações, sobrevivendo entre segundos. Por meros momentos, isolada por paredes finas e uma porta fechada.

Após alguns segundos de silêncio restaurador, levanto-me para despir o dia, juntamente com as calças de ganga e a *T-shirt*. Procuro debaixo do lavatório, rezando para ver o desodorizante de emergência que costumava guardar ali.

— Sim!

Com um pequeno movimento das ancas, aplico o desodorizante. O meu rosto está nu, por isso pego no meu *kit* «glamorosa em minutos» e, pelo menos, aplico alguma cobertura, cor e pestanas. Lavei o cabelo esta manhã e o amaciador sem enxaguamento continua a domar o meu cabelo natural, transformando-o num afro-halo maioritariamente encaracolado e ainda não frisado.

Posso estar a improvisar com o meu cabelo e maquilhagem, mas pelo menos sei que este vestido tem classe com uma pitada de vistoso. Flores de hibisco cor-de-rosa florescem ao longo da saia verde-esmeralda e o corpete envolve e molda os meus seios como um amante. Não que eu tenha tido um *desses* desde o meu divórcio. Levanto os braços e olho para o espelho da casa de banho.

— Percebe-se que não fiz a depilação? — pergunto à mulher que está a olhar para mim. Olhos a brilhar. Caracóis a saltar. Aquele batom cor-de-rosa mate está no ponto. As sobrancelhas, perfeitas. E o ioga fez-me bem ao corpo. Nunca serei do tamanho que era antes de ter

filhos, e não me importo com isso. A minha saúde não é um número na balança ou numa etiqueta nas minhas calças de ganga. Sinto-me bem com o meu corpo porque me ajuda a viver esta vida. Quero estar por cá o máximo de tempo possível para ver os meus filhos crescerem, por isso cuido dele. Não me lembro da última vez que me senti assim. Sinto-me como...

— Eu própria. — Sorrio para a mulher no espelho. — Sinto-me eu própria.

A minha carteira vibra.

— Raios. — Pego no telefone, convicta. — Hendrix, olá.

— Onde estás? — A voz rouca da minha amiga está afiada, mas isso é habitual. O seu trabalho de alto nível e a sua vida a grande velocidade fazem-na soar como se estivesse pronta para atacar qualquer pessoa com quem esteja a falar.

— Estou a sair do Grits agora. Se conseguir apertar o fecho deste vestido. — Coloco o telemóvel entre a orelha e o ombro e estico-me para alcançar as costas. — Já estás no Sky-Hi?

— Sim. Estou a entrar agora.

— É ao cimo da rua. Estou lá em menos de dez minutos.

— Está bem. Chau.

Volto a concentrar-me no fecho, que teima em permanecer a meio das minhas costas.

Que se lixe.

Pego à chefe de sala que o feche. Pego nas minhas coisas e saio da casa de banho no momento em que a porta do escritório se abre e Josiah entra. O seu olhar passa por mim, começando pelo meu cabelo encaracolado e deslizando até aos meus pés descalços.

— Desculpa. Não reparei que estavas aqui. — Dirige-se à secretária, abre uma gaveta e tira uma pequena pilha de cartões. — O Granders queria um cartão de visita.

— As pessoas ainda usam isso?

Os ombros poderosos encolhem-se nos limites do seu fato bem talhado.

— Aparentemente, sim. Vou gravar o meu nome numa placa de pedra se isso significar que ele nos escreve uma boa crítica. Dava-nos jeito a visibilidade.

— As coisas estão...

Hesito, sem saber onde a minha pergunta vai levar. Josiah nunca me pressionou quando eu não conseguia arrastar-me para fora do buraco negro, quando apenas abrir os olhos e respirar parecia uma tarefa árdua. Ele protegeu-me de como as coisas tinham ficado más, financeiramente, no restaurante. Pensámos que teríamos tempo para treinar, para assentar, para crescer. Em vez disso, perdemos Byrdie, o nosso elemento central, no meio da maior transição que o nosso pequeno negócio alguma vez experienciara. Só quando o nevoeiro começou a dissipar-se é que percebi como tínhamos estado perto de perder este lugar. De perder tudo.

— Si, estamos outra vez em sarilhos? Eu posso...

— Estamos bem. — A sua fisionomia dura e atraente suaviza-se um pouco. — A sério, o negócio nunca esteve melhor.

— Se precisar de fazer mais coisas por aqui, posso ajustar algumas cenas.

— Estás onde mais precisamos de ti. — A sua resposta é calma, mas segura. Os seus olhos escuros, firmes. — Sabendo que tens os miúdos, que os acompanhas, que estás a trabalhar na Associação de Pais e a acompanhar as suas notas, isso liberta-me para me concentrar aqui e garantir que estamos bem. *Que continuamos* bem.

Os miúdos tiveram algumas dificuldades depois do divórcio. Deixa, sobretudo, tornou-se cada vez mais desafiadora e as suas notas baixaram. Com Josiah a tratar de tanta coisa no restaurante depois da morte de Byrd, concordámos que eu me iria concentrar mais no lar e em dar-lhes o máximo de estabilidade possível.

— Bem, se as coisas mudarem, avisa-me — digo, forçando a leveza na minha voz e projetando-a na sala. — Equipa Wade, certo?

Este costumava ser o nosso grito de guerra quando as coisas se tornavam difíceis. O que quer que fosse preciso fazer, fazíamos-lo juntos. Um músculo do seu maxilar flete, e ele desvia o olhar do meu para um ponto por cima do meu ombro. Talvez para algum ponto no passado, revivendo a turbulência dos últimos anos, como eu faço mais vezes do que gostaria de admitir. O seu silêncio prolongado torna-se sufocante e a minha respiração encurta novamente.

— Quando quiseres ser tu a levar a ingrata da Deja às aulas de dança — digo com ironia, na esperança de dissipar o peso que se instalou na sala —, diz-me. Podemos trocar.

Ele volta a olhar para mim e o olhar distante nos seus olhos esmorece.

— Prefiro trabalhar dia e noite. Podes ficar tu com isso.

Os seus lábios carnudos franzem nos cantos e eu dou por mim a sorrir de volta. O rosto de Josiah é suficientemente interessante para fazer o bonito parecer mundano, embora o homem seja inegavelmente atraente. O tipo de beleza que nos faz perder a linha de pensamento a meio da frase e morder o lábio. A pele escura e deslumbrante brilha, esticada sobre os ossos altos e esculpidos do seu rosto. Ao ser tão controlado, quase austero, há algo ilimitado na sua presença. Ao estar aqui com ele, essa energia, um amálgama de ambição, audácia e confiança, rodopia à nossa volta no escritório. É como se estivéssemos dentro de uma garrafa com um tufão.

As sobrancelhas dele erguem-se, interrogativas. Estou a olhar fixamente.

— Oh. — Viro-me de costas para ele, tanto para recuperar a postura como para que me levante o fecho. — Está preso. Podes ajudar?

Ele não responde, e os seus passos são tão silenciosos que mal o ouço atravessar a divisão, por isso o calor do seu corpo a aquecer a minha pele exposta assusta-me. As costas dos seus dedos roçam a minha espinha enquanto puxa o fecho. Não se mexe ao princípio, por isso ele tem de puxar. Mesmo aquele toque ligeiro leva a minha pele a arrepiar-se. Olho por cima do ombro e para cima, e a minha respiração fica suspensa quando os nossos olhos se cruzam. O ar à nossa volta praticamente crepita, carregado com uma corrente familiar que eu tinha esquecido ser possível.

Ele aclara a garganta e desliza o fecho para cima.

— Já está.

Viro-me para o encarar e não estou preparada para a sua proximidade. Estou descalça e a minha visão limita-se ao peito e aos ombros largos do homem que está à minha frente. Já não estamos sozinhos assim muitas vezes, levando vidas separadas que só se cruzam nos nossos filhos e nos nossos negócios. Kassim e Deja estão normalmente

por perto, ou os funcionários, os amigos, os treinadores, os professores. Raramente somos só nós. Costumávamos conhecer-nos melhor do que ninguém. Agora nem sei ao certo o que é que ele vê no pouco tempo livre que tem fora daqui, ou o que é que ele faz.

— Já viste a série *Ozark*? — pergunto.

A linha grossa das suas sobrancelhas desce.

— Não. Devo?

— É uma das melhores séries que vi desde há muito. Os atores, a realização. O argumento é fantástico.

Estou a divagar. Apetece-me enfiar uma meia na boca para que ela pare de correr solta.

— Vou ter de... dar uma vista de olhos. — Ele olha para a porta. — Tenho de voltar para o Granders.

— Sim. — Meto a mão no fundo do meu saco do fato para pegar nos meus saltos verdes e inclino-me para os calçar. — Também tenho de ir.

Ele passa um olhar minucioso da minha cabeça aos meus sapatos.

— Estás... bem.

— Bem? — Pego no saco do fato, agora cheio com a minha roupa, e dirijo-me rapidamente para a porta, sorrindo por cima do ombro. — *Pff*. Estou fantástica.

Ele abana a cabeça, permitindo-se um pequeno sorriso.

— Estás fantástica. Diverte-te.

— Vou tentar não chegar muito tarde. E não deixes os miúdos ficarem acordados toda a noite, Si. Eles têm escola amanhã.

— Como se eu fosse o pai que se deixa levar.

Ambos sabemos que é, por isso fico a olhar para ele até que o seu sorriso se alarga para aquele brilho surpreendente que nos tira o fôlego se deixarmos.

— Vai-te embora — diz ele. — Vejo-te em tua casa.

Tua casa.

Não a nossa casa. Não a casa de sonho para a qual trabalhámos e com a qual fantasiámos durante anos. Agora é apenas a minha casa, onde eu e os miúdos vivemos. Josiah mora perto, mas duas ruas mais à frente. Não sei bem porque é que, esta noite, os meus pensamentos

continuam a revisitar o passado, quando o meu reflexo, a minha mentalidade, *tudo* tem «futuro» escrito por todo o lado.

— Sacode isso do pensamento — digo a mim própria, entrando no carro e saindo do parque de estacionamento do Grits. — Está na hora da festa.